



O Caso da Assinatura Tremida

Hanna F. Sulner

UM DIA, em princípios de 1938, recebi um telefonema de um funcionário da vara criminal de Budapeste, onde eu residia. —A senhora poderia fazer o favor de examinar alguns espécimes de caligrafias referentes ao caso Alexander Morvay?

Eu tinha acompanhado atentamente, pelos jornais, o caso Morvay. Respondi que o faria com prazer.

Os fatos do processo eram simples e, na aparência, completamente condenatórios. Alexander Morvay, contador e caixa com ordenado de 6.000 *pengös* (6.000 cruzeiros) mensais, era o único empregado que conhecia o segredo do cofre. Quinhentos mil *pengös* haviam desaparecido do cofre, num fim-de-semana, pouco antes do Natal. Morvay fôra o último a sair do escritório na sexta-feira anterior. Suas impressões digitais foram as únicas encontradas no cofre.

Nada se fêz contra Morvay antes da terceira semana de investigação, quando os detectives descobriram que no dia seguinte ao roubo fôra aberta num dos bancos de Budapeste uma conta popular com o depósito de 480.000 *pengös*, em nome de Anna Nagy. Na Hungria, o nome "Anna Nagy" é muito comum, mas por acaso era também assim que se chamava em solteira a esposa de Morvay. Além disso, o caixa e a mulher

tinham feito grandes compras no Natal, adquirindo um enxoval completo, um carro de bebê, móveis para quarto de criança, um radiofonógrafo, gastando uns 20.000 *pengös*. Diante disso, Morvay foi prêso e encarcerado.

Naturalmente, a polícia procurou o caixa do banco para que identificasse a Sr.^a Morvay como depositante dos 480.000 *pengös*. Entretanto, por uma fatalidade, o caixa do banco, homem idoso, morrera de um colapso pouco depois do Ano Novo. E como na Hungria o depositante de banco não precisa dar endereço, o único documento da transação era a assinatura "Anna Nagy" no talão de depósito e na ficha de identificação de firmas.

O tribunal queria que eu comparasse essas assinaturas com espécimes da letra da Sr.^a Morvay. À primeira vista não parecia haver semelhança. A letra da Sr.^a Morvay era firme, enquanto que a do talão de depósito era trêmula e incerta.

A polícia tinha duas explicações para isso: ou Anna Morvay propositalmente disfarçara a letra, ou o tremor fôra causado por extrema emoção. Afinal de contas, se Anna Morvay estava depositando dinheiro roubado, com certeza estaria nervosa, não é verdade? Além disso, se não fôra ela a depositante, quem seria? Os jornais tinham dado amplos detalhes do caso e, no entanto, nenhuma outra Anna Nagy aparecera para reclamar o depósito. E o advogado de Morvay procurara tôdas as Annas

Nagys que figuravam em relações e listas eleitorais da cidade, sem obter nenhuma informação útil.

Levei para o laboratório os exemplares da assinatura de Anna Nagy. Um exame cuidadoso, inclusive de ampliações fotográficas, convenceu-me de que a assinatura da ficha de depósito não era nem disfarce nem distorção da letra da Sr.^a Morvay, mas a escrita natural doutra pessoa. Evidentemente, o tremor era consequência dum estado físico, talvez uma doença que dificultasse escrever. E a pessoa devia ser muito mais velha do que a Sr.^a Morvay.

Comuniquei ao tribunal minha conclusão. Não salvou Alexander Morvay porque as provas contra foram consideradas esmagadoras. Êle foi condenado.

Aí poderiam parar as coisas, mas eu não conseguia esquecer-me do caso. Se Anna Morvay não depositara o dinheiro, outra pessoa o fizera. Se eu encontrasse essa pessoa . . .

Telefonei ao advogado de Morvay.

—Gostaria de conversar com o seu cliente.

—Para quê?

—Porque acho que talvez esteja inocente. De uma coisa estou certa: não foi a mulher dêle quem depositou o dinheiro. Talvez visitando os dois eu consiga uma pista que dê material para um recurso.

Encontrei Alexander Morvay sentado na sua cela, aturdido, derrotado. Era completamente inocente, afirmou-me, mas como poderia prová-lo? Tudo indicava sua culpabilidade,

e não havia suspeitas contra ninguém mais.

Sim, abriu o cofre na sexta-feira em questão, mas apenas para tirar o dinheiro da fôlha de pagamento. Sim, fôra o último a sair. Sim, fôra fazer compras com a espôsa no dia seguinte. Ela estava grávida de oito meses e não queria ir às lojas sòzinha. Sim, 20.000 *pengös* era um bocado de dinheiro para gastarem, mas êles tinham-nos juntado aos pouquinhos, durante quatro anos, desde que se haviam casado, para quando chegasse o bebê.

Outro empregado teria acesso à combinação do cofre? Não que êle soubesse. E que achava do depósito de 480.000 *pengös* no nome de solteira da espôsa? Não sabia explicá-lo. E a mulher jurara, no banco das testemunhas, que não era dela a assinatura do depósito.

Quando fui visitar Anna Morvay, senti um apêrto no coração. A criança nascera e estava sendo cuidada por amigos, mas Anna ainda se encontrava no hospital, prêsa dum colapso emocional. Dela nada pude obter além de negativas históricas de que nem ela nem o marido tinham feito nada de mal. Tentei animá-la dizendo-lhe que *eu* sabia que a assinatura do depósito não era sua, porém minhas palavras não a impressionaram muito.

—Êles nunca lhe darão crédito—soluçou.

Voltei ao advogado.

—Precisamos salvar esta família. É possível, naturalmente, que Mor-

vay tivesse outro cúmplice para depositar em nome de Anna Nagy. Mas não creio. Talvez a depositante seja do interior.

O advogado encolheu os ombros, com ar cansado.

—Não podemos verificar em cada aldeia da Hungria. Além disso, por que havia uma pessoa do interior de depositar todo êsse dinheiro e depois desaparecer? Afinal, todo o mundo conhece o caso no país. Por que a depositante não se apresentou?

No dia seguinte almocei com um médico amigo meu. Conte-lhe a história. Êle sorriu, céptico:

—Você está-se deixando levar pelo sentimentalismo, Hanna! Considere o pêso das provas . . .

—Não é questão de sentimentalismo—reagi furiosa.—É de ciência. A ficha de depósito foi assinada por uma pessoa muito mais velha do que a Sr.^a Morvay, alguém que sofre de algo que lhe torna difícil escrever.

—Sofre de algo?—e na sua voz havia uma nota de interêsse.—Quer dizer que poderia ser doente?

—Isso mesmo.

—Os hospitais já foram verificados?

Por um momento fiquei sem fala. Depois agarrei o chapéu e o casaco e saí correndo do restaurante.

No primeiro hospital encontrei uma jovem Anna Nagy que dera à luz gêmeos. Fôra interrogada antes de se internar. No segundo hospital não havia Anna Nagy. No terceiro, a diretora disse-me:

—Sim, temos uma Anna Nagy

aqui. Está convalescendo duma operação.

Meu coração bateu mais forte.

—Ela mora em Budapeste?

—Não. É do interior. E disse o nome duma aldeia próxima à fronteira romena.

—E em que data foi admitida?

—Pouco antes do Natal.

—Gostaria de falar com ela imediatamente . . . é muito importante.

Sentada na cama encontrei uma mulher de meia-idade, quase cega, que viera a Budapeste para uma séria operação nos olhos. Trouxera uma grande soma em dinheiro, depositara-a num banco e fôra diretamente para o hospital. Durante a longa convalescença não pudera ler jornais, e ninguém lhe falara do caso Morvay.

Pedi-lhe que assinasse o nome, explicando-lhe a razão. Não era preciso ser grafologista para ver que a sua letra trêmula correspondia à assinatura da ficha de depósito.

Isto jogou por terra a acusação contra Alexander Morvay. O advogado apresentou a nova prova, obteve o recurso e Morvay foi absolvido.

A polícia então voltou sua atenção para a outra pessoa que tinha acesso ao dinheiro: o dono da casa. Êle confessou que no fim-de-semana, usando luvas, abrira e roubara seu próprio cofre, na certeza de que o seguro pagaria o prejuízo. Foi condenado a uma longa pena.

Dessa forma Morvay voltou para a companhia da espôsa e filho e começaram a reconstruir a sua vida.



II Mundial de Basquetebol

(CONCLUSÃO DA PÁG. 47)

sôbre jogos arruinara fisicamente a nossa equipe. Posteriormente, demonstramos a nossa superioridade em relação à França, superando-a por dezenas de pontos tanto no Mundial de 50 como na Olimpíada de 52. A temporada do Flamengo na Europa, igualmente invicta, pode e deve ser apontada como outro testemunho de bom índice técnico do nosso basquete.

Hoje, marcha o basquetebol brasileiro em destacada posição. É o segundo desporto do país, pela sua difusão e pelo seu desenvolvimento técnico.

Assim, a realização do II Campeonato Mundial de Basquetebol no Brasil representa um novo marco. É a consolidação do prestígio internacional do basquetebol brasileiro e uma oportunidade excepcional para os seus "astros".